

Dilemas da civilização contemporânea

Jaime José Zitkoski
zitkoski@unisinis.br

GUILLEBAUD, Jean-Claud. 2003. *A reinvenção do mundo: um adeus ao século XX*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 377 p.

No livro acima citado, o autor¹ se defronta com o desafio de refletir sobre o futuro de nossa civilização e lança, já na introdução do texto, a seguinte questão: “Por que é necessário reinventar o mundo?”, apontando o caminho da reflexão que fará ao longo das 377 páginas, que é a busca de alternativas para superar a crise profunda que a civilização contemporânea apresenta, pois caracteriza-se pela crise de seus próprios fundamentos.

Nesse sentido, o autor se pergunta: “O que tornaria possível um filtro melhor onde os homens pudessem viver juntos em paz?” Ou seja, em que bases é possível alicerçar um projeto emancipatório viável e coerente no enfrentamento das crises profundas em que nosso mundo está mergulhado?

Esse é o caminho percorrido pelo autor ao longo do livro, que apresenta uma análise profunda, instigante e bastante coerente para pensarmos nossos dilemas da contemporaneidade. E apesar de parecer pessimista de vida ao realismo crítico que ele adota em suas análises, nas apostas no final do texto algumas estratégias políticas, culturais, educacionais e sociais que hoje deveríamos cultivar para construirmos um mundo melhor de se viver nas próximas décadas.

O texto está estruturado em três partes assim intituladas: Parte 1: Um adeus ao século. Parte 2: O testamento ocidental, e Parte 3: O encontro com o mundo. Ao todo são 12 capítulos articulados sobre a temática central: o desafio de reinventar nosso mundo atual.

Na primeira parte, com três capítulos, o autor reflete

sobre “o adeus ao século XX”, onde trata da idéia da refundação do mundo, dos dilemas da pós-modernidade e do desafio atual de interpretarmos a história da humanidade, principalmente o “como” olhamos sobre a última década (anos 1990).

Por que o livro insiste na idéia da “refundação”? Em primeiro lugar, devido à crise civilizatória em que, na idéia do autor, hoje estamos mergulhados. Nesse sentido, ele coloca de modo convicto que “sem filiação a uma história e sem transmissão de uma tradição, a humanização é inimaginável. Esse é o dilema em que nos encontramos em termos de bases histórico-antropológicas, em uma época de incertezas, de desprezo às tradições, de desmemorização sobre nossa própria história. O movimento da pós-modernidade quer nos deixar órfãos em termos de tradição, de memória histórica e de fundamentos para uma vida civilizada em sociedade.

Então, onde buscar as certezas necessárias, capazes de darem a “razão de ser” de um projeto civilizatório na atualidade?

Essa questão acima colocada não quer dizer que agora devamos simplesmente voltar ao passado, caindo, assim, em uma nostalgia sem sentido algum. O desafio é interpretar as mudanças de cada época para ver realmente o que muda e o que permanece. Esse investimento é indispensável para reinventar os valores, os projetos sociais, as bases culturais da civilização contemporânea em crise.

Por tais razões, precisamos cultivar um pensamento

¹ O autor é jornalista e escritor francês que já recebeu vários prêmios pela qualidade de seus escritos, a exemplo do Prêmio Jean Jacques Rousseau pelo livro *A traição do iluminismo* e o Prêmio Renaudat de Ensino pelo livro *A tirania do prazer*.

complexo, superador da lógica da fragmentação, na busca de pensar a totalidade. A superação das crises sociais não será possível sem a superação de um modelo sociocultural fragmentado da vida, do acontecimento, da administração pública, das práticas sociais, entre outros aspectos socioculturais. É o desafio do diálogo entre as diferentes culturas, saberes, ciências, visões de mundo e práxis sociais. Enfim, não há futuro sem apurar criticamente o passado e analisar profundamente o presente, para não repetirmos os mesmos erros e, além disso, encontrarmos alternativas viáveis para a humanidade de viver digna e pacificamente em sociedade.

Na segunda parte, com seis capítulos, refletindo sobre a civilização ocidental, Guillebaud analisa os fundamentos abalados de nossa civilização que até o século XX serviram de balizadores para um projeto de sociedade que se preocupava com o futuro da humanidade. Os seis fundamentos de nossa civilização, segundo o autor, são:

- a) o profetismo judaico, que concebe o tempo como progresso e nos alimentava com a idéia de futuro;
- b) o conceito de indivíduo e de igualdade do cristianismo;
- c) a idéia da razão crítica e emancipatória dos gregos;
- d) a imagem do universo com a cultura helênica;
- e) a concepção de justiça e dignidade humana com o movimento do iluminismo;
- f) o valor da democracia enquanto princípio de convivência entre os diferentes na relação entre o “eu” e o “nós”.

Esses fundamentos são nossas heranças, que historicamente demandaram séculos para se fundir em um processo civilizatório da humanidade, não sem causar conflitos e destruição no confronto de povos e culturas diferentes.

Essa herança hoje corre o risco de ser esquecida ou não representar mais um valor no conjunto da produção cultural contemporânea, que cultiva um grande desprezo pelo passado e pelas raízes ou referências de nossa civilização.

Na terceira e última parte do livro, o autor reflete sobre o porquê da crise dos fundamentos acima relacionados e como isso se expressa na práxis social do mundo contemporâneo.

Em primeiro lugar, há uma tendência forte de abandonarmos as utopias, a luta por projetos de futuro e ficarmos apenas com o imediato, aquilo que é mais pragmático individualmente falando; ou seja, a ideologia neoliberal hoje reinante diz que devemos “deixar o mercado resolver”. Não haveria outras saídas para a humanidade no complexo domínio do mercado mundial.

Nessa mesma direção, a igualdade, que era um dos

fundamentos do nosso processo civilizatório, não tem mais valor em um mundo cada vez mais desigual. Ou seja, para o neoliberalismo globalizante a desigualdade passa a ser um valor, pois seu projeto de mercado globalizado é antiigualitário na sua essência.

Em terceiro lugar, a idéia de razão dos gregos foi tão transformada em outras racionalidades que desembocou no mero racionalismo (a racionalidade instrumental, segundo Habermas), que torna-se um perigo para a humanidade, pois os meios estão a justificar os fins de um tipo de ação social cada vez mais destrutivo da natureza, da vida social considerada em seus todo.

Por tais razões é que, em outro lugar, o autor exprime que a globalização hoje em curso destrói a idéia do Universal, pois é a imposição de uma visão de mundo, e não a síntese criadora que deveria respeitar as diferenças em prol de um espírito mais universal para o desenvolvimento da grande potencialidade da espécie humana.

Portanto, perdemos o sentido e o valor últimos de uma sociedade democrática, pois apenas vivemos uma democracia meramente representativa.

Ou seja, há democracia formal apenas, e não a democracia real: econômica, étnica, sexual, social, cultural, informacional, educacional, etc. Isso inviabiliza a prática do princípio da justiça social, pois sem igualdade nunca haverá verdadeira democracia. Por essa razão é que o tema da justiça só é colocado na mídia como algo individualizado, que precisa punir os criminosos (pobres), encontrar “alguém culpado”, sem questionar a lógica do sistema que continua a produzir cada vez mais injustiças sociais.

Qual a saída para tamanha crise das sociedades contemporâneas?

O livro não aponta fórmulas mágicas, e o autor mantém-se coerente em não dizer qual é a saída, pois seria considerado um grande visionário se assim procedesse.

O que apenas nos serve de esperança na análise de Guilleband é a possibilidade do diálogo entre as diferentes culturas, tradições e processos sociais em curso na perspectiva de uma educação do ser humano para a tolerância, que é base de uma convivência pacífica e solidária em sociedade. Esse é um desafio de todos os povos: a necessidade da reinvenção dos valores e da recriação dos fundamentos ou bases civilizatórios que não deveriam ser “jogados fora” porque estaríamos “jogando fora a criança junto com a água do banho de banheira”.

Jaime José Zitkoski

Doutor em Educação/UFRGS, professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS.